

O crescimento da economia brasileira no terceiro trimestre de 2004 e no início do quarto trimestre ocorreu em ritmo menos intenso do que em etapas anteriores do ciclo de expansão em curso desde meados de 2003, conforme evidenciado pelas Contas Nacionais Trimestrais e por indicadores econômicos setoriais. A acomodação no ritmo da atividade econômica, após períodos com níveis de produção bastante elevados – ou recordes, em vários dos indicadores observados – é um processo esperado, haja vista o arrefecimento dos fatores que determinaram a recuperação inicial, como o aumento do crédito e a expansão das exportações. Além disso, avanços marginais no nível de atividade passam a requerer maior esforço à medida que a utilização da capacidade produtiva atinge patamares mais elevados.

A desaceleração no ritmo de expansão da economia contribui para a sustentabilidade do processo de crescimento em curso desde o segundo semestre de 2003. Nesse sentido, registre-se que o nível de utilização da capacidade produtiva cresceu em ritmo menor no período agosto-outubro, relativamente ao trimestre anterior. Ainda nesse contexto, deve-se ressaltar a evolução recente da demanda por investimento, que se constituiu no principal determinante do crescimento do PIB no terceiro trimestre do ano, sugerindo a intensificação do processo de expansão da capacidade produtiva das empresas.

Os indicadores relativos ao mercado de trabalho continuam refletindo ganhos importantes, decorrentes da retomada do crescimento econômico. A criação de empregos em ritmo acentuado é confirmada por estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e de institutos de pesquisa. Particularmente na indústria, o aumento expressivo das horas extras observado nos estágios iniciais do processo de expansão da atividade tem sido revertido, nos últimos meses, em geração de novos postos de trabalho.

As perspectivas relativas à evolução do setor agropecuário permanecem favoráveis, na medida em que, paralelamente ao dinamismo observado na produção de carnes e derivados, os primeiros prognósticos para a próxima safra sinalizam colheita recorde de grãos.

1.1 Vendas no varejo

As vendas do comércio varejista mantiveram-se estáveis, em nível historicamente elevado, no terceiro trimestre e no início do quarto trimestre de 2004, após apresentarem crescimento expressivo desde meados de 2003. Destaque-se, no período, o desempenho positivo de setores cujas vendas estão condicionadas principalmente à evolução da renda, como alimentos e bebidas, enquanto segmentos mais sensíveis às condições de crédito mostraram acomodação. Ressalte-se que a evolução recente de fatores determinantes do fluxo de vendas, em especial a continuidade de expansão da massa salarial e o comportamento das expectativas dos consumidores, delineia perspectivas favoráveis para o setor no final do ano.

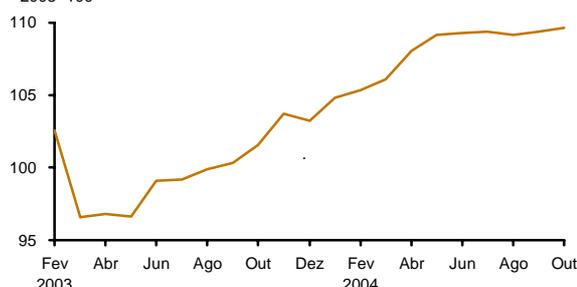
Segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice de Volume de Vendas no Varejo aumentou 0,1% no trimestre encerrado em outubro, ante o trimestre anterior, considerada a série dessazonalizada. O arrefecimento do comércio resultou da desaceleração das vendas em praticamente todos os segmentos do setor, movimento bem caracterizado pela evolução das médias móveis trimestrais, com destaque para móveis e eletrodomésticos.

Por unidade da Federação, registrou-se, no trimestre encerrado em outubro, expansão no volume de vendas no varejo em 13 das 27 unidades pesquisadas. As maiores elevações, em relação ao trimestre encerrado em julho, ocorreram no Amapá, 4,8%; e em Mato Grosso, 2,3%, considerados dados dessazonalizados. As unidades que apresentaram quedas mais expressivas, na mesma base de comparação, foram Tocantins, 6,2%; e Goiás, 3,1%. Ressalte-se que, consideradas as vendas acumuladas até outubro, ante mesmo período de 2003, todas as unidades da Federação apresentaram resultado positivo, excetuando-se Roraima, com queda de 9%. As maiores taxas de crescimento ocorreram em Rondônia, 25,8%, e em Mato Grosso, 23,1%.

A Receita Nominal de Vendas expandiu-se 11,9% no ano até outubro, em relação ao mesmo período de 2003.

Índice de Volume de Vendas no Varejo

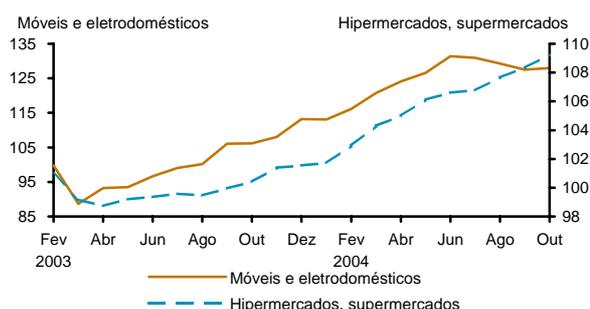
Dados dessazonalizados
2003=100



Fonte: IBGE

Índice de Volume de Vendas no Varejo

Dados dessazonalizados
2003=100



Fonte: IBGE

Índice de Volume de Vendas no Varejo – Brasil

Discriminação	Variação percentual					
	2004					
	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out
No mês^{1/}						
Comércio varejista	1,0	0,1	0,1	-0,2	0,2	0,3
Combustíveis e lubrificantes	-1,0	0,8	-0,1	-2,5	1,4	-0,7
Hipermercados e supermercados	1,1	0,5	0,1	0,8	0,6	0,8
Tecidos, vestuário e calçados	4,9	1,3	-2,5	-7,1	6,4	-2,7
Móveis e eletrodomésticos	2,0	3,8	-0,4	-1,3	-1,4	0,4
Automóveis e motocicletas	8,2	1,1	0,7	-1,1	4,9	-1,9
Trimestre/trimestre anterior^{1/}						
Comércio varejista	3,2	3,3	2,6	1,4	0,4	0,1
Combustíveis e lubrificantes	2,3	0,6	-0,1	-1,1	-1,1	-1,7
Hipermercados e supermercados	3,0	2,8	2,3	1,8	1,6	1,8
Tecidos, vestuário e calçados	1,5	2,8	4,7	-0,2	-2,9	-5,3
Móveis e eletrodomésticos	8,5	9,2	7,8	5,4	1,4	-1,1
Automóveis e motocicletas	3,0	5,8	9,1	6,3	4,9	2,3

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

Índice de Vendas no Varejo – Brasil

Outubro de 2004

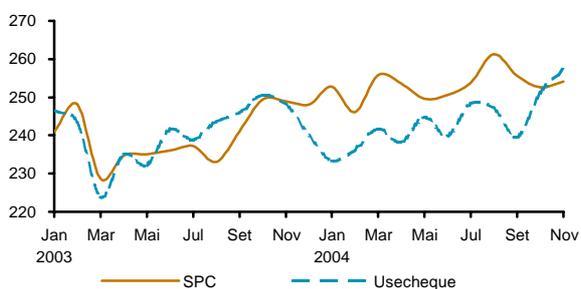
Discriminação	Variação % acumulada no ano		
	Receita nominal	Volume	Preços
Comércio varejista	11,9	9,3	2,4
Combustíveis e lubrificantes	0,8	5,3	-4,3
Hipermercados e supermercados	10,1	6,7	3,2
Tecidos, vestuário e calçados	13,8	5,2	8,2
Móveis e eletrodomésticos	29,1	27,6	1,2
Automóveis e motocicletas	26,5	17,8	7,4

Fonte: IBGE

Indicadores de comércio varejista

Dados dessazonalizados

1992=100



Fonte: ACSP

Esse resultado decorreu da combinação de aumentos de 9,3% no volume de vendas e de 2,4% nos preços do varejo. Ressalte-se que a média dos preços nos primeiros dez meses de 2004, em relação à de igual período de 2003, aumentou 6,4%, segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), do IBGE. Todos os setores apresentaram, no período, variação da receita nominal superior à variação média do IPCA, à exceção de combustíveis e lubrificantes, destacando-se móveis e eletrodomésticos, 29,1%; automóveis e motocicletas, 26,5%; e tecidos, vestuário e calçados, 13,8%.

Outros indicadores relacionados ao comércio também mostraram maior dinamismo em setores cujo desempenho está relacionado à renda dos trabalhadores, em comparação a setores mais ligados às condições de crédito. De acordo com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP), o número de consultas ao Serviço de Proteção ao Crédito (SPC), indicador de compras a prazo e de maior valor agregado, apresentou elevação mensal de 0,5% em novembro de 2004; e o Usecheque, indicador de compras à vista e de menor valor, cresceu 2,5% no mesmo período, nas séries dessazonalizadas. Ressalte-se que a paralisação dos bancários, sobretudo em setembro, pode ter afetado esses resultados.

Os indicadores de inadimplência apresentaram crescimento no final do terceiro trimestre e no início do quarto trimestre de 2004, mas mantiveram-se estáveis em relação aos níveis registrados nos mesmos períodos do ano anterior. A relação entre cheques devolvidos por insuficiência de fundos e o total de cheques compensados, após registrar 5,9% em outubro, a taxa mais alta do ano, recuou para 5,3% em novembro. A taxa média relativa aos primeiros onze meses do ano atingiu 5,4%, mantendo-se no patamar assinalado no período correspondente do ano anterior. A evolução do indicador nacional da Teledata, que também reflete a relação entre cheques devolvidos e recebidos, ratifica a tendência de estabilidade, tendo alcançado 2,5%, na média do ano corrente até outubro, ante 2,4%, no mesmo período de 2003.

Estatísticas da ACSP relativas ao segundo semestre de 2004 mostraram tendência de queda da inadimplência na Região Metropolitana de São Paulo. Nos primeiros onze meses do ano, a taxa média líquida em São Paulo alcançou 4,9%, ante 5,5% no mesmo período de 2003. Em novembro, a taxa líquida atingiu 3,8%, ante 4,1% e 4,4%, nos meses imediatamente anteriores.

Indicadores de inadimplência

Discriminação	Taxa						
	2004						
	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Ano ^{1/}
SPC (SP) ^{2/}	4,3	3,3	3,9	4,4	4,1	3,8	4,9
Cheques devolvidos ^{3/}	5,1	5,1	5,0	5,4	5,9	5,3	5,4
Telecheque (RJ) ^{4/}	2,1	2,0	2,0	2,1	2,5	...	2,3
Telecheque (Nacional) ^{4/ 5/}	2,1	2,1	2,3	2,3	2,7	...	2,5

Fonte: ACSP, Bacen e Teledata

1/ Média no ano.

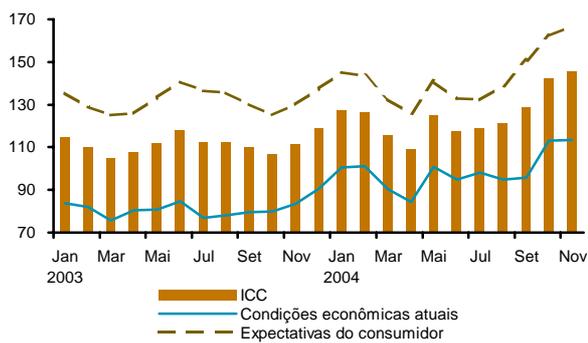
2/ Novos registros (-) registros cancelados/consultas realizadas (t-3).

3/ Cheques devolvidos por insuficiência de fundos/cheques compensados.

4/ Cheques devolvidos/cheques recebidos.

5/ Médias das seguintes cidades: Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Ribeirão Preto e Rio de Janeiro.

Índice de Confiança do Consumidor



Fonte: Fecomercio SP

Os resultados das pesquisas sobre as expectativas dos consumidores revelaram crescimento expressivo do otimismo nos últimos meses de 2004. O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), registrou aumento de 16,6% no trimestre encerrado em novembro de 2004, em relação ao trimestre imediatamente anterior. Vale destacar que o ICC apresentou, em novembro, o maior valor da série, iniciada em junho de 1994. Por componentes, o Índice de Expectativas do Consumidor (IEC), que representa 60% do índice geral, cresceu 18,8%, também registrando o maior nível da série histórica. O Índice de Condições Econômicas Atuais (Icea), o outro componente do índice geral, expandiu-se 12%, atingindo o maior valor desde abril de 1997.

O IEC, divulgado pela Federação de Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomercio RJ), registrou tendência de manutenção do otimismo do consumidor carioca em patamar elevado, similar ao observado pelo indicador paulista. O IEC apresentou crescimento de 5,4% na média do trimestre encerrado em novembro, em relação ao trimestre encerrado em agosto, e de 12,3% no acumulado do ano até novembro de 2004, comparativamente ao mesmo período do ano anterior. Destaque-se que tanto o indicador geral como os seus componentes – Índice de Situação Financeira Presente e Índice de Expectativas Financeiras – alcançaram, em novembro, o maior nível de 2004.

1.2 Produção

Agropecuária

A produção agropecuária cresceu 5,6% nos nove primeiros meses do ano, comparativamente ao mesmo período do ano anterior, e 4,9% no terceiro trimestre de 2004, ante igual período de 2003, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. O resultado do ano apresentado pela lavoura foi influenciado favoravelmente pelos desempenhos da orizicultura, da cafeicultura e do setor sucroalcooleiro, enquanto o resultado do terceiro trimestre refletiu, além da expansão da cultura de cana-de-açúcar, os aumentos da produção de algodão e mandioca. Ressalte-se que a expansão da lavoura não foi maior neste ano devido aos resultados negativos de produtos relevantes como soja, feijão, milho, e trigo. Tais desempenhos decorreram, basicamente, de adversidades climáticas. A pecuária seguiu contribuindo, de modo expressivo, para o aumento do produto do setor primário. A ampliação das exportações de carnes

e derivados tem sido fator preponderante para o dinamismo apresentado pelo setor.

Com relação à próxima safra, os prognósticos mostram-se favoráveis, apontando significativo crescimento da colheita de grãos de importantes produtos, como milho e feijão, sobretudo na primeira safra, e, especialmente, de soja, que deverá repetir o excelente desempenho de 2003.

Produção da lavoura

Segundo o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE, relativo a outubro, a produção total de grãos no ano-safra 2003/2004 situou-se em 119,3 milhões de toneladas, volume 3,5% inferior à safra anterior. Essas estimativas estão bem próximas às do último levantamento do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), realizado por meio da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) que apontou 119,31 milhões de toneladas. As culturas de segunda e terceira safras foram encerradas e as de inverno estão praticamente em final de colheita.

A produção de milho alcançou 41,9 milhões de toneladas, com decréscimo de 12,7% em relação ao ano-safra 2003, ocorrendo reduções na área plantada e no rendimento médio, de 4% e 9%, respectivamente. A decisão de diminuir a área plantada refletiu o declínio nas cotações internacionais do produto, em virtude da previsão de aumento na safra norte-americana, e o crescimento nos custos de produção.

A colheita de soja totalizou 49,2 milhões de toneladas, com contração de 4,4% em relação à anterior, não obstante a expansão de 16,4% na área plantada. A redução de 17,9% na produtividade média esteve associada às adversidades climáticas, sobretudo nos estados do Paraná e Mato Grosso.

Em relação ao trigo, principal cultura de inverno, a produção deverá alcançar 6 milhões de toneladas, com decréscimo de 1,1% em relação à do período anterior. No Paraná, principal estado produtor, cujo volume colhido deverá atingir 3 milhões de toneladas, a irregularidade climática propiciou o surgimento de doenças, prejudicando a evolução adequada da cultura.

A produção nacional de feijão alcançou 3 milhões de toneladas, com redução de 9,4%, em relação à de 2003. Contribuíram para esse resultado as baixas cotações no

Produção agrícola

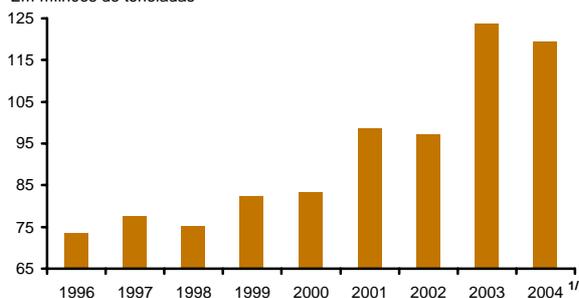
Discriminação	Em mil toneladas		Variação (%)
	Produção		
	2003	2004 ^{1/}	
Produção de grãos	123 632	119 337	-3,5
Caroço de algodão	1 451	2 355	62,3
Arroz (em casca)	10 320	13 337	29,2
Feijão	3 310	2 999	-9,4
Milho	47 988	41 873	-12,7
Soja	51 482	49 205	-4,4
Trigo	6 029	5 962	-1,1
Outros	3 052	3 607	18,2
Outras culturas			
Banana	6 775	6 593	-2,7
Batata-inglesa	3 047	2 883	-5,4
Cacau (amêndoas)	170	177	4,5
Café (beneficiado)	1 997	2 454	22,9
Cana-de-açúcar	389 849	411 010	5,4
Cebola	1 194	1 133	-5,1
Fumo (em folhas)	656	928	41,5
Laranja	16 903	18 263	8,0
Mandioca	22 147	24 230	9,4
Tomate	3 694	3 395	-8,1

Fonte: IBGE

1/ Estimativa.

Produção de grãos

Em milhões de toneladas



Fonte: IBGE

1/ Previsão.

mercado interno, os altos custos da produção, além das condições climáticas desfavoráveis e da migração de produtores para o plantio de soja.

A produção de café deverá situar-se em 2,5 milhões de toneladas, 22,9% superior à de 2003. Fatores positivos como o ano de ciclo de alta do grão e o clima favorável, em estados como Minas Gerais e Espírito Santo, contribuíram para esse crescimento.

A produção de cana-de-açúcar totalizou 411 milhões de toneladas, em 2004, acréscimo de 5,4% em relação à safra anterior. Ocorreram expansões na área plantada e na produtividade média, de 4,4% e 1%, respectivamente.

Pecuária

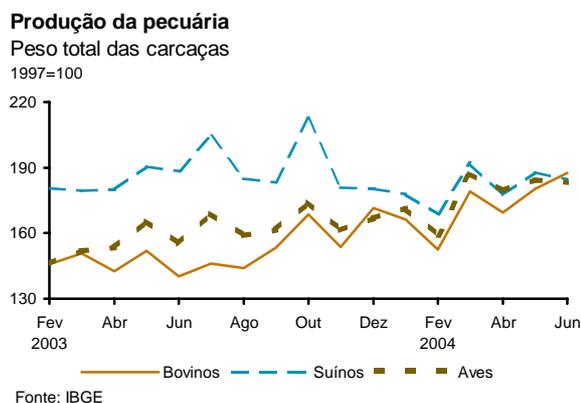
Segundo a Pesquisa Trimestral de Abate de Animais, divulgada pelo IBGE, o peso total das carcaças de bovinos abatidos alcançou 1,5 milhão de toneladas no segundo trimestre de 2004, 23,6% superior ao do mesmo trimestre de 2003. Considerando-se a série dessazonalizada, registrou-se acréscimo de 11,3% em relação ao período de janeiro a março de 2004. As vendas externas, no período de agosto a outubro, alcançaram 276 mil toneladas, com expansão de 70,6%, ante as efetuadas no mesmo período de 2003.

Em relação à avicultura, foram abatidas 1,8 milhão de toneladas de aves no segundo trimestre de 2004, representando aumento de 15,4% em relação ao trimestre abril-junho de 2003. Em referência ao trimestre imediatamente anterior, o crescimento atingiu 5,9%, considerando dados dessazonalizados. O volume exportado alcançou 682,1 mil toneladas no trimestre agosto-outubro, 26,2% superior ao do mesmo trimestre de 2003.

A produção de suínos atingiu 467,8 mil toneladas no trimestre abril-junho de 2004, 1,5% inferior à registrada em igual período de 2003. Em relação ao trimestre imediatamente anterior, o declínio alcançou 0,1%, segundo dados dessazonalizados. No que se refere às exportações, somaram 142,4 mil toneladas no período de agosto a outubro, 6,4% superiores às de igual trimestre de 2003.

Expectativas para a safra 2004/2005

A produção de grãos deverá registrar patamar recorde de 134 milhões de toneladas na safra 2004/2005,



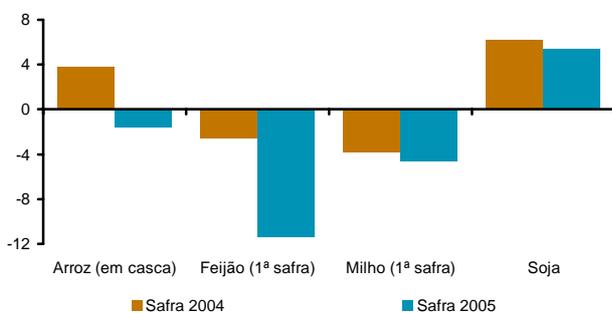
Perspectivas para a safra em 2005

Discriminação	Produção	Variação percentual	
		Área	Rendimento médio
Produção de grãos	12,3	2,3	9,8
Algodão herbáceo (em caroço)	-5,5	-5,2	-0,3
Arroz (em casca)	-4,7	-0,4	-4,3
Feijão (1ª safra)	4,2	-2,1	6,4
Milho (1ª safra)	4,9	-0,4	5,3
Soja	28,2	5,7	21,3
Outras culturas			
Batata-inglesa (1ª safra)	-3,1	-2,6	-0,5
Cebola	-3,2	-1,6	-1,6
Cana-de-açúcar	-1,1	0,2	-1,3
Fumo (em folhas)	5,1	4,4	0,6
Mandioca	4,8	3,0	1,7

Fonte: IBGE

Área plantada – 1º levantamento

Variação percentual



Fonte: IBGE

Produção industrial

Discriminação	Variação percentual			
	2004			
	Jul	Ago	Set	Out
Indústria geral				
No mês ^{1/}	0,6	1,0	-0,2	-0,4
Trimestre/trimestre anterior ^{1/}	3,9	2,9	2,3	1,3
Mesmo mês do ano anterior	10,6	13,4	7,4	2,7
Acumulado no ano	8,6	9,3	9,0	8,3
Acumulado em 12 meses	5,5	6,9	7,2	7,4
Indústria de transformação				
No mês ^{1/}	0,5	0,7	-0,1	-1,0
Trimestre/trimestre anterior ^{1/}	3,7	2,7	2,0	0,8
Mesmo mês do ano anterior	10,8	13,7	7,5	2,5
Acumulado no ano	9,0	9,6	9,4	8,6
Acumulado em 12 meses	5,6	7,1	7,4	7,6
Extrativa mineral				
No mês ^{1/}	0,5	1,6	0,4	0,0
Trimestre/trimestre anterior ^{1/}	1,8	3,0	2,8	2,6
Mesmo mês do ano anterior	7,2	7,4	6,3	6,1
Acumulado no ano	2,6	3,2	3,6	3,8
Acumulado em 12 meses	3,6	4,0	4,1	4,3

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

com crescimento de 12,3% em relação ao ano-safra 2003/2004, de acordo com o primeiro prognóstico efetuado pelo IBGE. Esse resultado é superior ao obtido no primeiro levantamento de intenção de plantio da safra 2004/2005, realizado pela Conab, que projetou a produção de grãos em 129,9 milhões de toneladas.

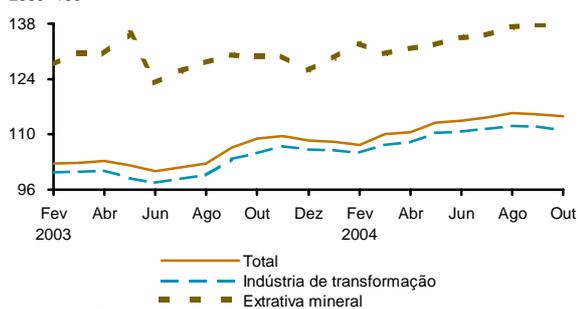
A maior contribuição para esse crescimento decorre da estimativa de expansão da safra de soja, para 63,1 milhões de toneladas, 28,2% superior à safra 2003/2004. Esse resultado está associado, fundamentalmente, à recuperação da produção nos estados das regiões Sul e Centro-Oeste, afetada pelas adversidades climáticas em 2004. A estimativa prevê aumento de 5,7% na área cultivada e de 21,3% na produtividade. Fatores como a elevada liquidez do produto e os preços pouco atraentes da cultura de milho contribuem para a expectativa de recuperação, não obstante o aumento dos custos de produção e a contração do preço internacional da *commodity*.

Produção industrial

Após atingir sucessivos níveis recordes de produção, a atividade industrial mostrou acomodação no trimestre agosto-outubro. Segundo dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE, a produção do setor registrou taxas de crescimento de 1,3% e de 3,9% nos trimestres encerrados em outubro e em julho, respectivamente, ante os trimestres imediatamente anteriores. A moderação do ritmo de expansão da indústria pode também ser observada pela análise da difusão das taxas de crescimento. Nesse sentido, nos sete primeiros meses do ano, em média, 69% das 23 atividades industriais com séries ajustadas sazonalmente apresentaram taxas mensais positivas, percentual reduzido para 52% em agosto e em setembro e para 35% em outubro.

O menor dinamismo da expansão industrial apresenta-se em conformidade com as expectativas delineadas para a evolução do setor, haja vista o arrefecimento gradativo de fatores que vêm impulsionando a indústria desde o início do ciclo de recuperação, como a expansão do crédito e o aumento das exportações. Note-se que, mesmo em menor intensidade, esses fatores deverão seguir contribuindo para a manutenção da tendência de crescimento da produção industrial, agora também impulsionada pelos aumentos da massa salarial e dos fluxos de investimentos.

Produção industrial
Dados dessazonalizados
2000=100



Fonte: IBGE

Produção industrial por categoria de uso

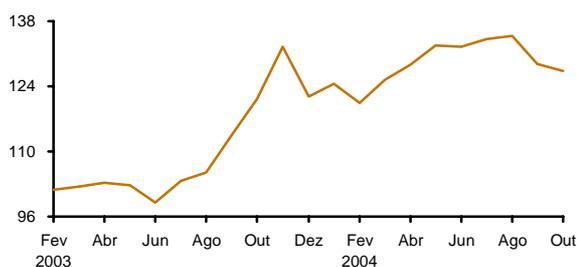
Discriminação	Variação percentual			
	2004			
	Jul	Ago	Set	Out
No mês^{1/}				
Produção industrial	0,6	1,0	-0,2	-0,4
Bens de capital	1,1	0,6	-4,4	-1,3
Bens intermediários	2,2	0,2	-0,3	-0,1
Bens de consumo	0,0	0,4	0,7	-1,0
Duráveis	0,9	2,3	-2,0	-2,3
Semi e não duráveis	-0,5	-0,3	1,5	-1,1
Trimestre/trimestre anterior^{1/}				
Produção industrial	3,9	2,9	2,3	1,3
Bens de capital	6,7	3,8	1,0	-2,1
Bens intermediários	3,8	3,2	3,1	1,5
Bens de consumo	2,5	1,9	1,4	0,8
Duráveis	9,4	8,5	5,2	1,8
Semi e não duráveis	1,3	0,4	0,2	0,0
No ano				
Produção industrial	8,6	9,3	9,0	8,3
Bens de capital	25,6	26,3	24,9	21,8
Bens intermediários	7,2	7,7	7,6	7,3
Bens de consumo	7,1	7,8	7,7	7,0
Duráveis	24,2	25,7	24,7	22,6
Semi e não duráveis	3,3	3,8	4,0	3,5

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

Produção industrial
Bens de capital

Dados dessazonalizados
2000=100



Fonte: IBGE

A incorporação do crescimento de 1,3% da produção industrial relativo ao trimestre agosto-outubro, ante o trimestre imediatamente anterior, às taxas registradas nos meses anteriores resulta em expansão acumulada de 8,3% da produção industrial no ano até outubro, em relação a igual período de 2003. Esses resultados deveram-se, principalmente, ao desempenho da indústria de transformação, que registrou crescimento de 0,8% na comparação trimestral e de 8,6% no ano. A trajetória das atividades de extração tornou-se mais consistente apenas nos últimos meses – a indústria extrativa cresceu 2,6% no trimestre agosto-outubro ante o período imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, e 3,8% no acumulado do ano.

Apesar de o movimento de acomodação ser aparente para a média da indústria, poucos segmentos industriais assinalaram desaceleração mais acentuada no último trimestre. Entre os 22 gêneros da indústria de transformação, na série com ajuste sazonal, sete apresentaram queda de produção no trimestre agosto-outubro ante o período anterior. Entre esses, estão os segmentos que vinham apresentando expansão acima da média da indústria, como fumo, aparelhos e materiais elétricos, material eletrônico, outros equipamentos de transporte e mobiliário. Por outro lado, alguns dos segmentos de maior dinamismo em 2004, como veículos automotores e máquinas e equipamentos, mantiveram o vigor e seguiram se destacando no trimestre encerrado em outubro em relação ao período anterior.

A análise por categorias de uso revela a continuidade do dinamismo da produção de bens de consumo durável, com expansão de 1,8% no trimestre encerrado em outubro, em relação ao trimestre maio-julho. A produção de bens intermediários aumentou 1,5%, a de bens de consumo semidurável e não durável manteve-se estável. Na mesma base de comparação, a produção de bens de capital mostrou redução de 2,1%.

Ressalte-se que, apesar de a produção de bens de consumo semidurável e não durável ter se mantido estável no trimestre agosto-outubro ante o trimestre anterior, segmentos importantes, sensíveis à elevação da renda, mostraram desempenho positivo, como alimentos, 0,6%; bebidas, 6,2%; vestuário, 2,3%; e calçados, 1,5%, de acordo com dados com ajuste sazonal. Em contrapartida, os subsetores de perfumaria e fumo apresentaram retração no trimestre, de 2,4% e de 6,2%, respectivamente.

Produção industrial

Bens intermediários
Dados dessazonalizados
2000=100



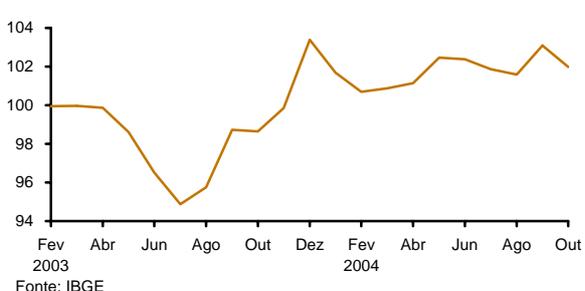
Produção industrial

Bens de consumo duráveis
Dados dessazonalizados
2000=100



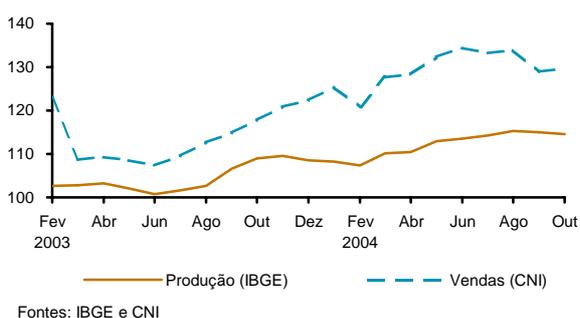
Produção industrial

Bens de consumo semi e não duráveis
Dados dessazonalizados
2000=100



Produção e vendas industriais

Dados dessazonalizados
2000=100



As vendas industriais reais também sugerem a acomodação da atividade no setor, tendo apresentado contração de 1,8% no trimestre agosto-outubro, ante o trimestre encerrado em julho, segundo estatísticas da Confederação Nacional da Indústria (CNI), considerando dados dessazonalizados. No ano, as vendas reais acumularam elevação de 15,4%.

O vigor da atividade fabril tem se traduzido em resultados favoráveis no mercado de trabalho industrial. A evolução dos dados divulgados pela CNI mostra o padrão esperado, no qual ocorre, inicialmente, o aumento do número de horas trabalhadas por meio do recurso às horas extras, e, depois, diante da consolidação da expansão econômica, a contratação de novos empregados. A evolução das horas trabalhadas cresceu 2% na comparação dos trimestres encerrados em outubro e em julho, em termos dessazonalizados, enquanto os crescimentos do número de empregados e da massa real de salários atingiram 2,6% e 2,9%, respectivamente, na mesma base de comparação. No acumulado do ano, as horas trabalhadas aumentaram 5,3%, o emprego industrial, 2,8%, e a massa salarial da indústria, 8,7%.

Dados da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), indicam o arrefecimento das exportações industriais nos últimos meses. As vendas externas de produtos semimanufaturados recuaram 14,1% no trimestre encerrado em outubro, em relação ao período anterior, e as exportações de manufaturados 0,2% na mesma base de comparação, desempenho significativamente inferior aos registrados nos primeiros trimestres do ano, segundo dados dessazonalizados. Apesar do arrefecimento na margem, esses segmentos apresentam crescimento no ano de 7% e 22,9%, respectivamente, até outubro.

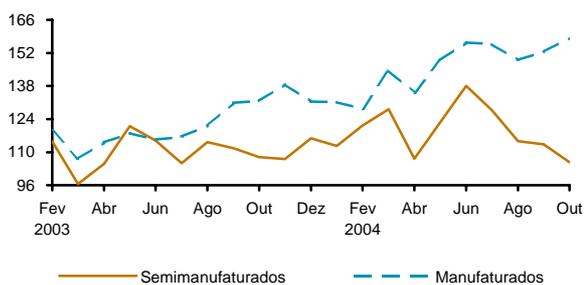
De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), a produção da indústria automobilística cresceu 20,8% até novembro, ante igual período do ano anterior, mantendo-se estável na comparação entre os trimestres encerrados em novembro e em agosto, de acordo com dados dessazonalizados. As vendas internas e externas registraram recuo, nesse trimestre, de 3% e 7,5%, respectivamente.

O nível médio de utilização da capacidade industrial instalada alcançou 85,3% em outubro, de acordo com dados divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), ajustados sazonalmente. Entre as categorias de uso, a de bens intermediários continuou a apresentar a maior ocupação,

Exportações industriais – Quantum

Dados dessazonalizados

2002=100



Fonte: Funcex

Indústria automobilística – Produção e vendas

Variação percentual

Discriminação	2004				
	Jul	Ago	Set	Out	Nov
No mês^{1/}					
Produção de autoveículos	6,7	3,5	-1,7	-4,7	1,5
Vendas totais	5,8	0,2	-2,9	-6,1	1,6
Mercado interno	3,2	-1,3	0,8	-5,4	-0,9
Exportações	-0,8	14,8	-18,4	5,7	0,2
Trimestre/trimestre anterior^{1/}					
Produção de autoveículos	8,7	12,2	13,5	6,9	0,0
Vendas totais	9,1	19,1	17,2	4,7	-4,5
Mercado interno	5,6	12,1	10,2	2,4	-3,0
Exportações	15,4	31,0	22,6	11,4	-7,5
No ano					
Produção de autoveículos	17,9	21,4	21,9	20,9	20,8
Vendas totais	18,8	21,5	21,1	19,3	18,3
Mercado interno	21,6	23,1	22,8	20,1	18,1
Exportações	12,3	17,9	17,1	17,3	18,8

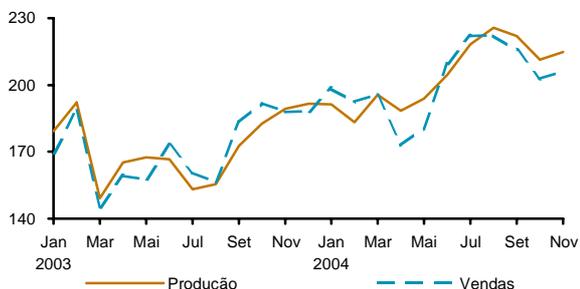
Fonte: Anfavea

1/ Dados dessazonalizados.

Produção automobilística

Dados dessazonalizados

1992=100



Fonte: Anfavea

88,6%, mas o maior avanço em relação a julho, da ordem de 2,5 p.p., ocorreu nas indústrias produtoras de material de construção, com o nível de utilização atingindo 83,7%. O nível de utilização na categoria bens de capital recuou 2 p.p., situando-se em 80%, enquanto nos segmentos produtores de bens de consumo o nível de ocupação manteve-se estável em relação ao trimestre anterior, em 80,7%, patamar mais elevado desde o segundo trimestre de 1998.

A análise das séries dessazonalizadas por gêneros industriais revela maiores níveis de utilização nos segmentos borracha, 96,4%; perfumaria, sabões e velas, 95,2%; papel e papelão, 92,7%; metalúrgica, 91,8%; e têxtil, 89,2%. Ressalte-se, entretanto, que o nível de utilização em alguns desses segmentos recuou entre as pesquisas efetuadas em julho e em outubro. Registrou-se menor utilização nos setores metalúrgica, 0,3 p.p.; papel e celulose, 2 p.p.; e têxtil, 1,4 p.p.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei), apurado pela CNI, atingiu 63,8 em outubro, avançando três pontos em relação a julho. No mesmo sentido, a Sondagem Conjuntural da FGV mostrou que, em outubro, 43% das empresas pesquisadas consideravam a situação dos negócios boa e 7%, fraca, enquanto em julho esses percentuais situavam-se em 33% e 11%, respectivamente. De acordo com a mesma pesquisa, as empresas estão com estoques ajustados e a intenção de contratar mantém-se em alta, resultado compatível com as expectativas do empresariado para os próximos seis meses, na medida em que 54% dos entrevistados esperam situação dos negócios ainda melhor e apenas 6% receiam que a conjuntura se deteriore.

Em síntese, os resultados da indústria sinalizam acomodação em patamares elevados, consolidando taxa de crescimento anual expressiva. A despeito dos resultados na margem, persiste a perspectiva de continuidade do crescimento da atividade fabril, em resposta, sobretudo, à expansão da demanda interna, que tem repercutido os aumentos da massa salarial, do volume de crédito e dos investimentos.

1.3 Mercado de trabalho

Emprego

A taxa de desemprego aberto manteve-se em trajetória descendente ao longo do segundo semestre, atingindo 10,5% em outubro, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do IBGE. Embora a redução do

Utilização da capacidade instalada na indústria de transformação

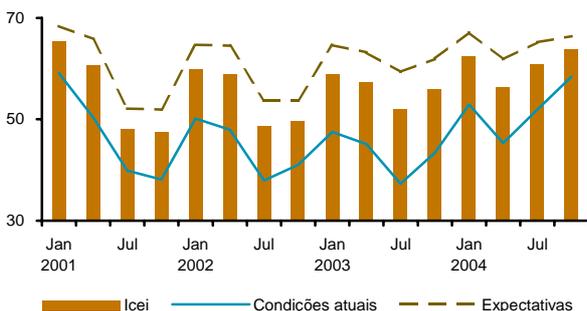
Dados dessazonalizados

Percentual médio



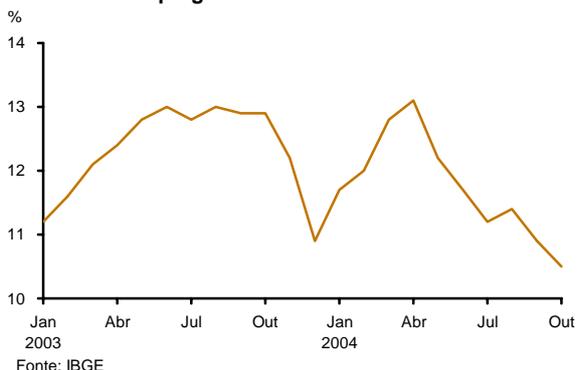
Fonte: CNI e FGV

Índice de Confiança do Empresário Industrial



Fonte: CNI

Taxa de desemprego aberto



Fonte: IBGE

Ocupação por categoria

Discriminação	Variação percentual			
	2004			
	Jul	Ago	Set	Out
Total de ocupados	0,3	0,7	1,1	0,6
Categoria ocupacional				
Com carteira assinada	-0,3	0,4	1,1	0,7
Sem carteira assinada	-0,1	1,2	1,8	0,0
Trabalhadores não remunerados, militares e funcionários estatutários	4,0	0,9	-1,3	2,2
Por conta própria	2,2	1,6	1,3	-0,4
Empregadores	-1,4	-2,4	1,0	-2,7

Fonte: IBGE

desemprego esteja parcialmente influenciada pela sazonalidade favorável do segundo semestre, a intensidade de queda das taxas reflete, principalmente, o dinamismo da economia ao longo do ano e a conseqüente geração de novos postos de trabalho. Nesse sentido, a taxa de desemprego em outubro de 2004 é 2,4 p.p. inferior à de outubro do ano anterior. Adicionalmente, o crescimento médio do número de ocupados no trimestre agosto-outubro totalizou 94 mil pessoas, ante o ingresso de 48 mil pessoas na população economicamente ativa, no período.

Além do aumento na criação de empregos, identifica-se a melhoria da qualidade dos empregos gerados, como decorrência do maior grau de confiança do empresariado. Considerando as categorias de ocupação, ocorreram 181 mil contratações no segmento carteira assinada, 127 mil no de empregados sem carteira, e o ingresso de 96 mil trabalhadores no segmento por conta própria. Esse quadro sugere a reversão dos resultados assinalados pelas pesquisas até abril, nas quais as ocupações de caráter informal cresciam em níveis superiores às contratações com registro em carteira.

Em 2004, registraram-se crescimentos mensais recordes no número de vagas com carteira de trabalho assinada. De acordo com o MTE, observou-se, em todo o país, a criação de 1,8 milhão de postos de trabalho de janeiro a outubro, aproximadamente o dobro do verificado no mesmo período de 2003. A indústria de transformação proporcionou o maior número de vagas, 608,6 mil, ante 226,7 mil em 2003, superando o setor de serviços que, historicamente, figurava como o maior empregador e que respondeu por 488,6 mil novas vagas até outubro. Ainda no mesmo período, o comércio abriu 308,2 mil postos de trabalho, 87% a mais do que no ano anterior, seguido pela agropecuária, com 249,4 mil vagas. A construção civil ofertou 100 mil novas ocupações. Ressalte-se que esse setor deverá encerrar o ano com saldo positivo entre admissões e desligamentos, o que não ocorria desde 1997.

Considerando ainda a criação de emprego de janeiro a outubro deste ano relativamente a igual período de 2003, a análise geográfica evidencia concentração de 88% das novas contratações em doze estados¹, com os três maiores estados da região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais) tendo sido responsáveis por 53,8% desse total. A geração de empregos no interior do país, comparativamente às regiões metropolitanas, tem constituído

1/ São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Ceará, Goiás, Mato Grosso e Pará.

Evolução do emprego formal

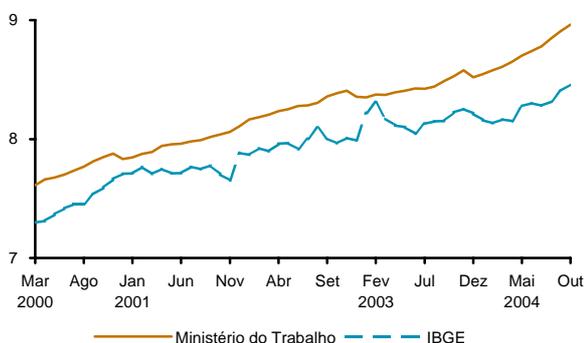
Discriminação	Novos postos de trabalho (em mil)				No ano
	2004				
	Jul	Ago	Set	Out	
Total	202,0	229,8	199,7	130,2	1 796,3
Indústria de transformação	56,0	72,2	101,1	53,0	608,6
Comércio	33,6	50,5	45,2	48,2	308,2
Serviços	42,7	74,0	58,9	46,2	488,6
Construção civil	10,7	18,8	8,5	1,3	99,8
Agropecuária	55,2	9,9	-15,8	-16,2	249,4
Serviços ind. de util. pública	0,9	1,7	0,7	-0,6	6,7
Outros ^{1/}	3,0	2,7	1,3	-1,6	34,9

Fonte: MTE

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Total de ocupados com carteira assinada

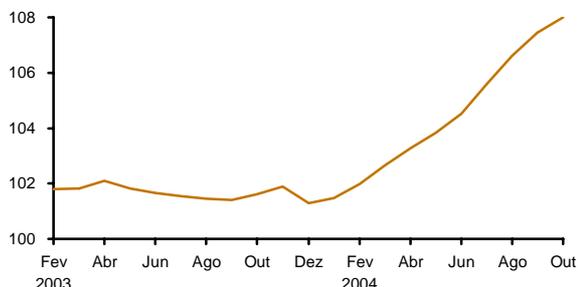
Em milhões



Emprego industrial

Dados dessazonalizados

2000=100

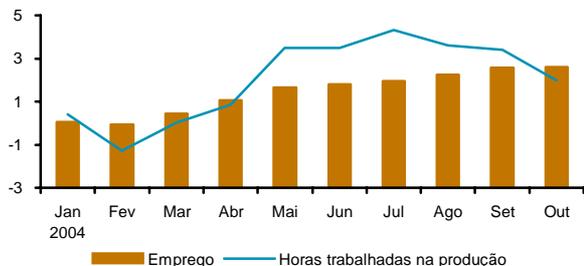


Fonte: CNI

Emprego e horas trabalhadas na indústria de transformação

Dados dessazonalizados

% média móvel trimestral



Fonte: CNI

forte característica desse ciclo recente de recuperação. Nesse sentido, as regiões metropolitanas dos doze estados em que ocorreu maior criação de postos de trabalho, de janeiro a outubro deste ano, proporcionaram a abertura de apenas 34,6% dessas vagas.

O acentuado crescimento do emprego formal em 2004 suscitou dúvidas, sobretudo nos primeiros meses do ano, quanto à representatividade dos dados do MTE. Contudo, sua comparação com os dados da PME, compatibilizados geograficamente e por categoria de emprego, evidencia a semelhança da evolução do emprego formal mensurado por ambas as fontes, tornando inequívoca a constatação da ampliação do emprego formal em 2004, em ritmo recorde. Outro questionamento sobre os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), referia-se à hipótese dessa recente recuperação estar influenciada pelo processo de formalização do emprego na agropecuária – setor em que, reconhecidamente, a precariedade das condições de trabalho é maior – em razão da intensificação de esforços da fiscalização. Essa hipótese perde consistência, no entanto, se considerado que a participação da agropecuária na geração de empregos manteve-se, em 2004, inferior a 14%, nível semelhante ao registrado em 2003.

O emprego na indústria de transformação seguiu apresentando desempenho favorável, conforme pesquisa da CNI junto a doze federações estaduais da indústria, registrando-se expansão de 2,6% no trimestre terminado em outubro, ante o trimestre encerrado em julho, segundo dados ajustados sazonalmente. De janeiro a outubro, o crescimento ante os primeiros dez meses de 2003 totalizou 2,8%, o melhor comportamento para a série iniciada em 1992, considerada a mesma base de comparação.

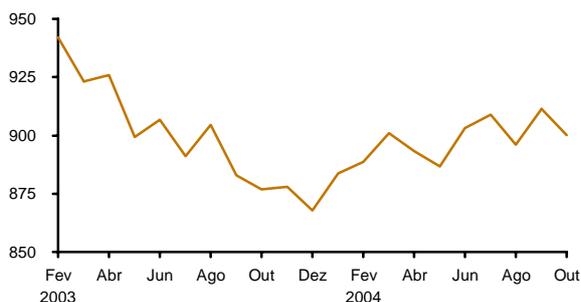
É relevante ressaltar um aspecto inerente às estatísticas da CNI, referente ao menor crescimento das horas trabalhadas relativamente à evolução do emprego industrial. Esse fato evidencia substituição entre os fatores “horas extras” e “criação de vagas” no processo de expansão da utilização do fator “mão-de-obra” e sinaliza maior confiança do empresariado quanto à consolidação do processo de retomada econômica.

Rendimentos

O rendimento médio real dos trabalhadores das seis regiões metropolitanas pesquisadas na PME apresentou variação positiva no segundo semestre comparativamente

Rendimento habitual médio real

Em R\$ a preços de outubro de 2004, deflacionado pelo INPC

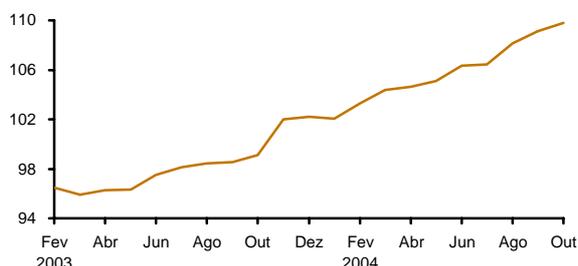


Fonte: IBGE

Massa salarial real na indústria de transformação

Dados dessazonalizados

2000=100



Fonte: CNI

Produto Interno Bruto

Trimestre/trimestre anterior com ajuste sazonal

Discriminação	2003			2004			
	I	II	III	IV	I	II	III
PIB a preços de mercado	-1,2	-0,4	0,6	1,9	1,8	1,4	1,0
Agropecuária	2,2	-0,3	-3,3	6,2	2,1	1,2	-3,6
Indústria	-4,4	0,4	2,2	1,6	1,1	1,5	2,8
Serviços	-0,3	-0,3	0,3	1,3	1,1	1,4	0,7

Fonte: IBGE

Produto Interno Bruto – Ótica da demanda

Varição acumulada no ano

Discriminação	2003				2004		
	I Trí	II Trí	III Trí	IV Trí	I Trí	II Trí	III Trí
PIB a preços de mercado	1,5	0,7	0,4	0,5	4,0	4,8	5,3
Consumo das famílias	-1,1	-2,6	-2,4	-1,5	1,6	3,0	3,9
Consumo do governo	0,5	1,1	1,3	1,3	0,8	0,8	0,6
Formação bruta de							
capital fixo	-0,1	-4,6	-5,7	-5,1	1,8	7,5	11,8
Exportação	12,0	18,1	10,3	9,0	20,5	18,9	18,6
Importação	-5,5	-5,7	-5,5	-1,7	12,5	13,4	14,9

Fonte: IBGE

aos mesmos meses de 2003, considerado o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), do IBGE, como deflator. Mesmo com a recuperação do poder de compra ao longo do ano, o rendimento médio real ainda encontra-se, até outubro, 1,3% inferior ao patamar assinalado no mesmo período de 2003, reflexo, em parte, do próprio processo de aumento de novas contratações, normalmente pactuadas em níveis salariais inferiores aos percebidos pelos empregados já contratados.

Os salários reais na indústria de transformação, segundo estatísticas da CNI deflacionadas pelo INPC e dessazonalizadas, seguiram em recuperação no trimestre encerrado em outubro, registrando crescimento de 2,9% em relação ao trimestre terminado em julho. Ressalte-se que essa tendência se mantém por dezenove meses, com os salários alcançando, em outubro, patamar superior ao vigente no início de 1998. Adicionalmente, os salários reais aumentaram 8,7% de janeiro a outubro, ante igual período de 2003.

1.4 Produto Interno Bruto

O PIB cresceu 1% no terceiro trimestre, em relação ao período anterior, de acordo com dados dessazonalizados divulgados pelo IBGE. Esse resultado mostrou-se consistente com a evolução de indicadores setoriais antecedentes.

A análise setorial revela que o desempenho do PIB no terceiro trimestre refletiu recuo de 3,6% na agropecuária. Adicionalmente, o produto do setor industrial, confirmando o comportamento de indicadores mensais de nível de atividade, cresceu 2,8%, e o do setor de serviços, apresentando alta pelo quinto trimestre seguido, 0,7%, favorecido pela expansão da renda.

O crescimento do PIB nos nove primeiros meses de 2004, comparativamente a igual período de 2003, atingiu 5,3%. Esse resultado reflete o aumento da demanda interna no primeiro semestre, decorrente das melhores condições de crédito e da recuperação gradual dos rendimentos reais, o desempenho do comércio exterior e o aumento dos investimentos. O consumo das famílias aumentou 3,9%; a formação bruta de capital fixo, 11,8%; as exportações, 18,6%; e as importações, 14,9%, na mesma base de comparação.

Os resultados acumulados nos três primeiros trimestres de 2004, por setores, também refletiram a evolução dos componentes da demanda. A agropecuária,

Produto Interno Bruto

Discriminação	Variação percentual							
	2003				2004			
	I	II	III	IV	I	II	III	IV
Acumulado no ano	1,5	0,7	0,4	0,5	4,0	4,8	5,3	
Acumulado em 4 trimestres	2,5	2,2	1,4	0,5	1,2	2,6	4,2	
Trimestre/igual trimestre do ano anterior	1,5	0,0	-0,2	0,9	4,0	5,6	6,1	
Trimestre/trimestre anterior com ajuste sazonal	-1,2	-0,4	0,6	1,9	1,8	1,4	1,0	

Fonte: IBGE

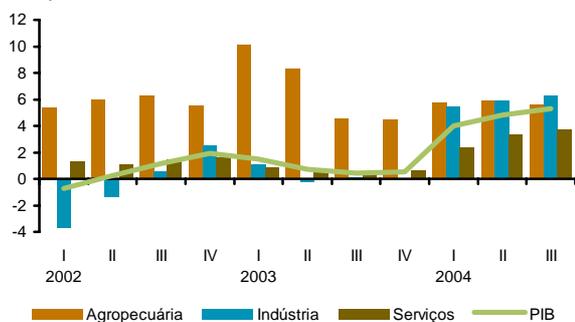
Produto Interno Bruto

Discriminação	Variação acumulada no ano								
	2003				2004				
	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri	III Tri
Agropecuária	10,1	8,3	4,5	4,5	5,8	5,9	5,6		
Indústria	1,1	-0,3	0,1	0,1	5,5	5,9	6,3		
Extrativa mineral	-1,7	-2,8	-1,3	2,9	2,2	2,1	2,1		
Transformação	0,0	0,4	1,3	1,1	9,1	7,9	7,4		
Construção civil	1,7	-2,9	-4,3	-5,2	-0,8	2,9	5,9		
Serviços ind. de util. pública	8,7	3,8	3,3	2,7	1,5	3,7	4,1		
Serviços	0,9	0,7	0,5	0,6	2,4	3,3	3,8		
Comércio	0,5	-1,3	-2,7	-1,9	4,8	6,9	8,1		
Transporte	-2,1	-0,2	0,7	1,4	10,6	8,0	5,6		
Comunicações	3,8	4,3	3,2	1,8	-1,4	-0,6	0,5		
Instituições financeiras	2,7	1,5	0,6	0,6	2,1	3,3	4,0		
Outros serviços	0,7	0,0	0,4	0,5	2,1	4,5	5,5		
Aluguel de imóveis	0,7	1,0	1,0	1,3	1,2	1,3	1,6		
Administração pública	0,6	1,1	1,1	1,0	2,0	2,2	2,2		
Dummy financeiro	4,6	2,0	0,8	0,6	0,4	2,9	3,9		
Valor adic. a preços básicos	1,5	1,0	0,7	0,7	4,0	4,6	4,9		
Impostos sobre produtos	1,2	-1,2	-1,8	-1,1	4,0	6,4	8,1		
PIB a preços de mercado	1,5	0,7	0,4	0,5	4,0	4,8	5,3		

Fonte: IBGE

Produto Interno Bruto

Variação % acumulada no ano



Fonte: IBGE

cuja produção vem sendo impulsionada pelas exportações, apresentou crescimento de 5,6%, decorrente de acréscimos pontuais na produção de grãos e de outras culturas, bem como do aumento da produção da pecuária.

A atividade industrial cresceu 6,3%, registrando-se taxas positivas em todos os seus segmentos. Dessa forma, o produto da indústria de transformação cresceu 7,4% no ano, o relativo à indústria da construção civil 5,9%, enquanto nos segmentos serviços industriais de utilidade pública e extrativa mineral as taxas alcançaram 4,1% e 2,1%, respectivamente. O último resultado esteve influenciado, fundamentalmente, de acordo com a Agência Nacional de Petróleo (ANP), pelo decréscimo de 1,3% na produção de petróleo (óleo bruto e líquidos de gás natural – LGN).

O setor de serviços cresceu 3,8% nos primeiros nove meses de 2004, comparativamente a igual período de 2003, favorecido pelo comportamento dos segmentos comércio, 8,1%; transportes, 5,6%; e “outros serviços”, 5,5%.

Ressalte-se que, por ocasião da publicação dos resultados do PIB referentes ao terceiro trimestre do ano, o IBGE faz as revisões dos resultados anteriores, objetivando incorporar informações estatísticas não disponíveis à época da divulgação original, além de eventuais modificações de ordem metodológica. No resultado recém-divulgado, as revisões das séries repercutiram, principalmente:

- revisões nas séries da indústria de transformação e da construção civil, em decorrência da incorporação dos resultados da nova PIM, com efeitos sobre as séries das contas nacionais retroativas a 2002;
- atualização dos pesos setoriais segundo os resultados de 2003 das Contas Nacionais Anuais;
- alterações nas séries da agropecuária, pela incorporação de novas informações do LSPA e de pesquisas de pecuária (abate, ovos e aves);
- implementação de mudanças metodológicas no cálculo do índice de volume do valor bruto de produção dos subsetores “outros serviços” e “administração pública”, registrando-se, nesse subsetor, a incorporação da nova série de crescimento demográfico.

Em decorrência dessas revisões, a taxa de variação do PIB em 2003 foi alterada de -0,2% para 0,5%, e a do PIB acumulado no primeiro semestre de 2004, de 4,2% para 4,8%. O ajuste em 2003 refletiu modificações em todos os

Perspectivas para o PIB em 2004 e 2005

A divulgação recente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dos resultados do Produto Interno Bruto (PIB) referentes ao terceiro trimestre e à revisão dos dois primeiros trimestres do ano ratificou a robustez do crescimento econômico e, mais importante, ressaltou aspectos favoráveis dessa expansão, em especial o dinamismo dos investimentos.

Estimativa para o PIB em 2004

A previsão para o aumento do PIB em 2004 foi alterada para 5%, ante 4,4% no Relatório anterior. A revisão das séries das contas nacionais e o crescimento acima das expectativas, sobretudo dos gastos de consumo e dos investimentos, foram os principais determinantes para a alteração. A previsão para o ano considera crescimento menor no último trimestre, como vem sendo sinalizado por indicadores da indústria e do comércio no início desse período. A agropecuária deverá mostrar recuperação, após a retração observada no terceiro trimestre, na série com ajuste sazonal. Pela perspectiva da demanda, o setor externo não deverá contribuir para a expansão do PIB no último trimestre.

Estimativa para o PIB em 2005

A estimativa de crescimento de 4% para o PIB em 2005 considera o cenário de continuidade de expansão da economia, iniciada no terceiro trimestre de 2003, porém em ritmo menor do que o ocorrido em 2004. Contribui para essa perspectiva a manutenção do dinamismo do setor agropecuário, comportamento apontado pelos primeiros prognósticos do IBGE e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), para

a lavoura no próximo ano, com previsão de crescimento da safra de grãos acima de 10%. Paralelamente, o vigor das exportações de carnes observado ao longo dos últimos trimestres, que tem contribuído para o desempenho da pecuária, deverá permanecer ao longo do próximo ano.

No setor industrial, destaque-se o aumento esperado para a produção extrativa mineral, conforme sinalizado pela Petrobrás, em função do início do funcionamento de novas plataformas. A indústria de transformação deverá apresentar, embora em ritmo menos intenso, crescimento ao longo do ano, favorecido pela continuidade da expansão das exportações e pela recuperação dos investimentos e do consumo. Como mencionado no capítulo 1 deste Relatório, o crescimento da indústria a taxa menor do que a observada ao longo de 2004 favorece a sustentabilidade da expansão, considerado, sobretudo, o ritmo de ocupação da capacidade instalada.

O setor terciário tende a refletir os desempenhos positivos da indústria e da agropecuária, bem como os efeitos da expansão da renda, por meio dos segmentos de comércio, transportes, instituições financeiras e outros serviços. Os indicadores de volume considerados para o desempenho da administração pública e do setor aluguéis, segmentos que somados representam mais de um quarto da composição do PIB, obedecem a comportamento próprio, diferentemente da dinâmica do resto da economia, e deverão registrar taxas mais modestas de variação.

Considerada a ótica da demanda, destaca-se o seu componente interno como determinante da continuidade do crescimento econômico. A contribuição do setor externo deverá ser marginal, a despeito da perspectiva de continuidade de expansão das exportações, tanto de básicos como de manufaturados, influenciadas pelo crescimento da economia global. A contribuição das exportações, entretanto, deverá ser neutralizada pelo aumento nas importações, estimulado pelo crescimento da demanda interna e pela recente apreciação do real.

Internamente, a reação dos gastos de investimentos observada em 2004 tende a continuar no próximo ano, haja vista os níveis elevados de

Produto Interno Bruto

Discriminação	Variação acumulada no ano			
	2003		2004	2005
	Pesos	%	Estimado	Estimado
Agropecuária	9,9	4,5	4,8	4,2
Indústria	38,8	0,1	6,2	4,8
Extrativa mineral	3,9	2,9	2,8	6,4
Transformação	24,2	1,1	7,0	4,5
Construção civil	7,2	-5,2	6,1	4,9
Serviços ind. de utilidade pública	3,4	2,7	4,2	5,0
Serviços	56,7	0,6	3,6	2,9
Comércio	7,7	-1,9	7,4	4,5
Transporte	2,4	1,4	5,5	5,0
Comunicações	3,2	1,8	1,2	4,0
Instituições financeiras	7,0	0,6	4,1	3,9
Outros serviços	10,4	0,5	5,2	3,5
Aluguel de imóveis	10,2	1,3	1,6	1,5
Administração pública	15,8	1,0	2,0	1,9
Valor adicionado a preços básicos		0,6	4,7	4,0
Impostos sobre produtos	11,5	-1,1	7,4	4,0
PIB a preços de mercado	111,5	0,5	5,0	4,0

Fonte: IBGE e Banco Central do Brasil

utilização da capacidade na indústria, a persistente melhora dos fundamentos econômicos, traduzida no recuo representativo do risco-país, e a consolidação de expectativas, tanto de empresários como de consumidores, em patamares historicamente elevados. O consumo, a exemplo do verificado ao longo de 2004, deverá manter-se crescente, refletindo a expansão da renda. Adicionalmente, a redução da carga tributária e a correção do salário mínimo são fatores que deverão favorecer o comportamento desta componente ao longo do próximo ano.

Produto Interno Bruto – Variação por componente da demanda

Período	%							
	PIB a preços de mercado	Consumo das famílias	Consumo do governo	Consumo total	Formação bruta de capital ^{1/}	Exportações	Importações	
	Pesos (2003)	100,0	56,7	19,9	76,6	19,8	16,4	-12,8
2000		4,4	3,8	1,3	3,2	10,0	10,6	11,6
2001		1,3	0,5	1,0	0,6	1,1	11,2	1,2
2002		1,9	-0,4	1,4	0,1	-4,2	7,9	-12,3
2003		0,5	-1,5	1,3	-0,8	-5,0	9,0	-1,7
2004 (até o 3º trimestre)		5,3	3,9	0,6	3,1	8,7	18,6	14,9
Contribuição (p.p.)			2,2	0,3	2,4	1,6	2,8	-1,9
2004 (estimado)		5,0	3,9	1,5	3,2	8,0	17,0	15,0
Contribuição (p.p.)			2,2	0,3	2,5	1,6	2,9	-2,0
2005 (estimado)		4,0	3,8	1,6	3,2	6,9	11,0	13,0
Contribuição (p.p.)			2,2	0,3	2,5	1,4	1,8	-1,7

Fonte: IBGE e Banco Central

1/ Inclui variação de estoques.

setores, com a variação do produto agropecuário passando de 5% para 4,5%, a do setor industrial, de -1% para 0,1%, e a do setor de serviços, de -0,1% para 0,6%. O ajuste no primeiro semestre de 2004 decorreu, em maior parte, da incorporação de melhores resultados na indústria, de 4,7% para 5,9%, e no setor de serviços, de 2,8% para 3,3%. No setor agropecuário a alteração não foi relevante.

As estimativas para os crescimentos do PIB em 2004 e em 2005 são de 5% e 4%, respectivamente. Para o primeiro ano, a revisão da estimativa considerou, principalmente, as revisões realizadas pelo IBGE, enquanto para 2005, foram preponderantes as expectativas favoráveis em relação aos determinantes da demanda interna. As projeções encontram-se detalhadas no boxe Perspectivas para o PIB em 2004 e 2005.

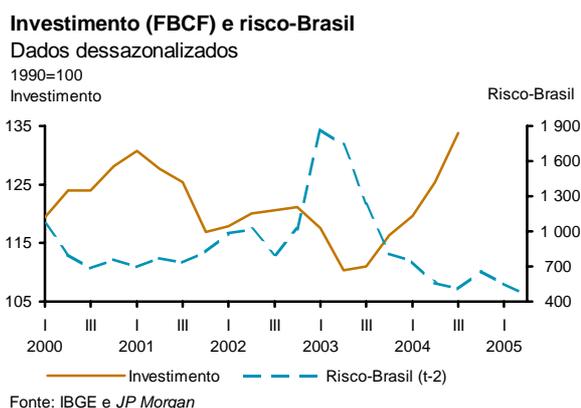
1.5 Investimentos

Os investimentos continuaram a mostrar crescimento no terceiro trimestre, consolidando a trajetória delineada desde o início do ano. Tal comportamento vinha sendo sinalizado por indicadores antecedentes, conforme mencionado no último Relatório de Inflação, entre eles a evolução favorável do risco-Brasil. O crescimento dos investimentos no período foi, pelo quinto trimestre consecutivo, mais elevado do que o crescimento da produção.

Segundo as Contas Nacionais Trimestrais divulgadas pelo IBGE, os investimentos, excluídas as variações de estoques, cresceram 6,7% no terceiro trimestre ante o segundo, considerada a série com ajuste sazonal. Diversos indicadores da formação bruta de capital fixo, com periodicidade mensal, já antecipavam esse desempenho. Mantida a mesma base de comparação, os insumos da construção cresceram 3,7%, enquanto a produção, exportações e importações de bens de capital variaram 1%, 2,9% e 2,3%, respectivamente, resultando no crescimento da absorção dessa categoria de produto de 2,8% no período.

Incorporados os resultados do terceiro trimestre, os gastos com investimentos registraram alta de 11,8% no ano, em relação ao período janeiro a setembro de 2003. Esse desempenho refletiu aumentos de 16,3% na absorção de máquinas e equipamentos e de 6,4% na produção de insumos da construção civil, nessa base de comparação.

Dados de outubro mostraram recuo dos investimentos, no mês. Esse comportamento, tendo em vista



Indicadores de investimento

Discriminação	Variação percentual			
	2004			
	Jul	Ago	Set	Out
Trimestre/trimestre anterior ^{1/}				
Bens de capital				
Absorção ^{2/}	-0,3	1,3	2,8	2,9
Produção	6,7	3,8	1,0	-2,1
Importação	0,7	-0,3	2,3	0,6
Exportação	18,6	10,3	2,9	8,3
Insumos da construção civil	3,9	3,9	3,7	1,6
No ano				
Bens de capital				
Absorção ^{2/}	12,8	14,4	16,3	12,2
Produção	25,6	26,3	24,9	21,8
Importação	7,9	11,5	11,6	3,5
Exportação	54,5	51,9	47,7	53,9
Insumos da construção civil	4,8	6,0	6,4	5,8
Financiamentos do BNDES	36,4	43,0	46,3	42,9

Fonte: IBGE, Funcex e BNDES

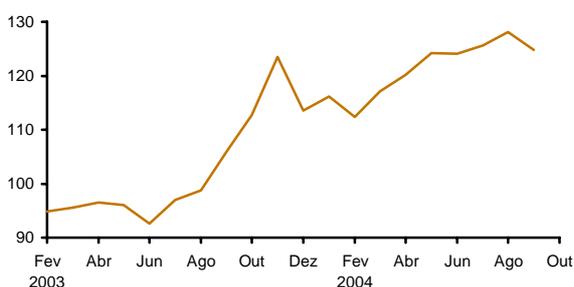
1/ Dados dessazonalizados.

2/ Produção + importação - exportação.

Produção de bens de capital

Dados dessazonalizados

2002=100

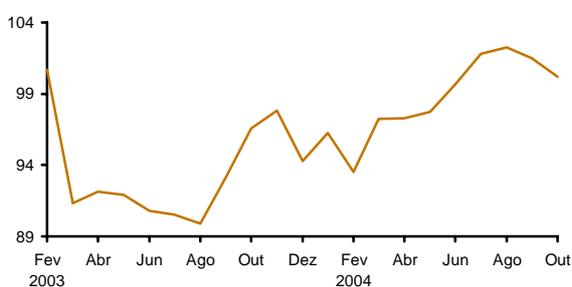


Fonte: IBGE

Produção de insumos para a construção civil

Dados dessazonalizados

2002=100



Fonte: IBGE

o atual cenário macroeconômico, deve ser interpretado como pontual, e característico da volatilidade da série, e não como interrupção da tendência de recuperação da formação bruta de capital fixo. Os indicadores no mês, em relação a setembro, após o ajustamento sazonal, mostraram recuos de 1,3% na produção de insumos da construção civil e de 22% na absorção de bens de capital. Esse percentual discrepante, deveu-se, basicamente, ao crescimento de 51,6% nas exportações de bens de capital no mês, associado ao registro de venda de uma plataforma petrolífera de acordo com as normas vigentes, a ser operada no mercado doméstico. A produção e importação de bens de capital também contribuíram para o decréscimo da absorção no período, com quedas respectivas de 1,3% e de 7,7%.

No ano, as exportações, as importações e a produção de bens de capital acumularam, até outubro, altas de 53,9%, 3,5% e 21,8%, respectivamente. Na mesma base de comparação, a produção de insumos para a construção cresceu 5,8%.

A análise de dados desagregados da produção de bens de capital evidencia que o crescimento no ano, até outubro, atingiu a maior parte de seus segmentos. Nesse sentido, a produção de bens destinados à construção civil aumentou 38%; a de bens de capital para o setor de transportes, 24,8%, influenciada principalmente por itens destinados à construção de aviões e de caminhões para exportação; a do segmento de máquinas e tratores para o setor agrícola 10,3%; e a relativa ao setor produtor de bens industriais seriados, 19,7%, destacando-se a produção de motores a diesel, destinados tanto à exportação como ao setor agrícola.

Os indicadores da indústria de bens de capital mecânicos, divulgados pela Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), continuaram a refletir a elevação dos investimentos em 2004. Considerando os primeiros dez meses do ano, comparativamente a igual período de 2003, registraram-se crescimentos de 6% na utilização da capacidade instalada do setor e de 16,1 para 16,7, no número médio de semanas para o atendimento de pedidos em carteira. O faturamento real das empresas vinculadas à entidade – deflacionado pelo Índice de Preços por Atacado – Oferta Global (IPA-OG)/ Produtos Industriais, máquinas e equipamentos industriais – aumentou 11,8% até outubro. As exportações de máquinas e equipamentos, tendo como destinos principais Estados Unidos e Argentina, cresceram 35,7% e as importações, 13,8%, na mesma base de comparação.

Produção de bens de capital

Discriminação	Variação acumulada no ano			
	2004			
	Jul	Ago	Set	Out
No ano				
Bens de capital	25,6	26,3	24,9	21,8
Industriais	15,7	16,8	16,0	16,0
Seriados	20,8	21,5	20,0	19,7
Não seriados	-10,6	-7,6	-5,2	-4,3
Agrícolas	16,5	15,0	12,3	10,3
Peças agrícolas	3,3	0,9	-5,9	-8,1
Construção	32,7	36,4	38,2	38,0
Energia elétrica	14,1	16,9	16,1	14,8
Transportes	25,4	26,2	25,9	24,8
Misto	27,7	28,1	25,7	19,2

Fonte: IBGE

Produção de autoveículos

Discriminação	Variação percentual				
	2004				
	Jul	Ago	Set	Out	Nov
Mês ^{1/}					
Máquinas agrícolas	0,2	2,8	-3,3	4,7	-4,5
Ônibus	10,2	-16,4	-0,3	5,8	19,3
Caminhões	1,6	3,3	3,5	-7,2	6,4
Trimestre/trimestre anterior ^{1/}					
Máquinas agrícolas	-3,7	-0,5	1,7	3,0	0,1
Ônibus	19,2	15,1	7,6	-6,0	0,8
Caminhões	9,9	9,1	9,1	5,8	3,3
No ano					
Máquinas agrícolas	19,7	17,7	15,8	15,0	13,8
Ônibus	9,0	9,2	7,4	5,1	4,7
Caminhões	32,3	34,3	36,0	35,5	34,5

Fonte: Anfavea

1/ Dados dessazonalizados.

Desembolsos do Sistema BNDES^{1/}

Discriminação	2003	Acumulado no ano (em R\$ milhões)		
		2004		
		I Sem	III Tri	Out
Total	33 534	18 033	27 748	31 730
Indústria de transformação	15 937	7 393	9 585	11 122
Comércio e serviços	12 844	7 298	12 949	14 761
Agropecuária	4 595	3 185	5 021	5 640
Indústria extrativa	157	157	194	206

Fonte: BNDES

1/ Compreende o BNDES, a Finame e o BNDESpar.

Segundo dados divulgados pela Anfavea, o comportamento das atividades ligadas ao setor agropecuário e a recuperação econômica impactaram o comportamento da produção de bens relacionados a investimento. A produção de máquinas agrícolas cresceu 13,8% no ano, até novembro, ante igual período de 2003, influenciada principalmente pelas expansões de 14,8% e de 11,8% nas produções de colheitadeiras e de tratores de rodas, respectivamente. Na mesma base de comparação, a produção de caminhões cresceu 34,5% e a de ônibus, 4,7%.

De acordo com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), os desembolsos do Sistema BNDES – BNDES, Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpar) – somaram R\$31,7 bilhões nos primeiros dez meses de 2004, valor 42,9% superior ao de igual período de 2003. Por setores de atividade, os financiamentos concedidos à indústria extrativa cresceram 121%; os destinados aos setores de comércio e serviços, 55,8%; os direcionados à agropecuária, 55%; e os absorvidos pela indústria de transformação, 23,5%.

A Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), custo básico para os financiamentos contratados junto ao sistema BNDES, permaneceu em 9,75% a.a. pelo terceiro trimestre consecutivo, comparativamente a 10% a.a. no primeiro trimestre de 2004.

1.6 Conclusão

O país seguiu auferindo, nos últimos meses, os benefícios decorrentes do esforço de consolidação dos fundamentos macroeconômicos, que seguem evidenciando expressiva melhoria tanto no âmbito fiscal e monetário, como no externo. O crescimento vigoroso do PIB pelo quinto trimestre consecutivo traduz-se na evolução favorável de variáveis diretamente relacionadas ao bem-estar econômico e social, como o crescimento do consumo, da massa de rendimentos, e do emprego, este, em ritmo de expansão há muito não observado.

Mais do que ratificar o atual dinamismo econômico, o comportamento recente dos indicadores aponta para a sustentabilidade do ciclo que ora se observa. Além da evolução favorável da massa salarial, das expectativas de consumidores e empresários e do volume de crédito, fatores que tendem a constituir-se em fontes relevantes para o crescimento no próximo ano, um aspecto em especial se destacou nos últimos meses: o aumento dos investimentos.

Nesse sentido, conforme apontavam as perspectivas delineadas no "Relatório de Inflação" anterior – baseadas na evolução de indicadores relacionados, como o risco-país e o nível de utilização da capacidade instalada na indústria – os gastos com a formação bruta de capital fixo aumentaram de modo considerável no terceiro trimestre de 2004. Adicionalmente, a revisão dos dados das contas nacionais ratificou patamar mais elevado para a variável nos dois primeiros trimestres do ano. Apesar do resultado dos indicadores da formação bruta de capital fixo em outubro, há de se ressaltar que os condicionantes dos fluxos de investimentos seguem evoluindo favoravelmente, apontando a consolidação de patamar elevado no próximo ano, fator considerado essencial para sustentação de resultados positivos da economia.